

- 8º — não prestarás falso testemunho contra o teu próximo;
- 9º — não cobiçarás a mulher do teu próximo; e
- 10º — não cobiçarás a casa de teu próximo, nem sua mulher, nem seu gado, nem seus servos, nem coisa alguma sua. (Êx. 20:3-17)

Todos ouviram esses mandamentos, transcritos depois por Moisés em duas lajes de pedra. Houve um fenômeno de voz direta; isto é, o Plano Espiritual falando aos homens sem intermediário. Assim, os Mandamentos foram transmitidos diretamente. Diz Sholem Asch que naquele instante não só os hebreus ali presentes ouviram o Decálogo, mas também aqueles “que estavam por nascer”, isto é, os Espíritos desencarnados. É o caráter universal do Decálogo; é aliança de todos os homens com Deus, obrigando-se a seguir tais mandamentos.

É uma aliança, sim, porque terminada a enunciação dos 10 Mandamentos pela voz direta, Moisés dirigiu-se ao povo e perguntou: **“vocês aceitam estes mandamentos e prometem segui-los?”**. Ao que todos responderam: **“sim, aceitamos e vamos segui-los”**. Estava feita a aliança, uma aliança que os homens estão sempre desrespeitando. Toda vez que infringimos um dos 10 Mandamentos, estamos rompendo com essa aliança. É preciso ter sempre em mente que não nos interessa romper esse acordo; se o mantivermos com firmeza, seremos felizes.

Os 10 Mandamentos são a norma de conduta de todos os povos. Por mais leis que os homens façam em benefício da coletividade, estas poderão sempre resumir-se em um dos mandamentos do Decálogo. A Lei foi gravada em pedra para que não fosse esquecida; foi, também, gravada em nosso subconsciente: toda vez que infringimos um de seus artigos, a consciência nos acusa e um dia teremos de nos arrepender para darmos início à reparação da falta cometida.

2. O BEZERRO DE OURO

Moisés precisava isolar-se algum tempo a fim de melhor manter contato com o Plano Espiritual. Por isso, deixando o povo ao encargo de Aarão e dos principais de cada tribo, subiu ao Horeb onde permaneceu quarenta

dias. Durante sua ausência, o povo se desviou da aliança. Logo nos primeiros dias, começaram a dizer que Moisés havia morrido e que Deus os havia abandonado. Desesperaram-se tanto que não percebiam que o Pai não os havia abandonado, pois toda a manhã lá estava o maná para alimentá-los. É o fruto de todo desespero e de toda revolta contra Deus: ficamos incapazes de assimilar as permanentes e inesgotáveis bênçãos que fluem do Criador.

Com isso abriram uma brecha enorme para penetração das forças inferiores. O acampamento foi visitado por um bando de feiticeiros vendedores de amuletos, dentre os quais destacava-se Balaão — médium de grandes possibilidades, porém sem nenhuma moral. Foi uma demonstração clara de que as forças das trevas estão sempre à espreita de uma brecha para dividir o povo de Deus, para lançar a descrença no Criador e nos fazer acreditar nos ídolos de barro, nos ídolos do imediatismo materialista. E mostra, também, a fraqueza do homem diante dos interesses materiais; poucos dias antes o povo todo havia jurado respeitar todos os 10 Mandamentos. Não tivera firmeza de manter essa aliança incólume nem por duas semanas.

O povo entregou-se a orgias. Os desregramentos sexuais foram ampliados. Os hebreus esqueceram-se do Deus único; no entanto, esse mesmo Deus nunca os esqueceu: continuou-lhes dando o maná diariamente.

Quando Moisés retornou do monte ficou espantado de ver tamanha invigilância. Colérico, atirou as duas tábuas da lei ao chão; as pedras espatifaram-se em muitos pedaços. Repreendeu o povo com severidade e pediu que os chefes aplicassem a punição aos instigadores de tal acontecimento.

3. O RITUAL

Aarão propôs a Moisés a instituição de um ritual, que desse ao povo algum ponto de apoio material com respeito a Divindade. **“O povo não está acostumado a adorar um Deus invisível”**, disse o irmão de Moisés para justificar sua proposta. Realmente, depois daquela adoração dos ídolos, Moisés deve ter concordado que seria preferível o povo adorar alguma coisa que apenas

representasse o Deus único, ou melhor, lembrasse constantemente o homem da existência desse Deus.

Assim, Moisés concordou com a construção do **tabernáculo** — uma espécie de templo portátil, de madeira e em muitas partes revestido com finas lâminas de ouro. Dentro do tabernáculo colocou-se a **Arca da Aliança**, uma caixa de madeira revestida de ouro, onde Moisés depositou as duas tábuas da lei novamente gravadas por ele. Estas tábuas foram destruídas bem mais tarde, durante o cativeiro do povo judeu na Babilônia.

O tabernáculo servia para os sacerdotes fazerem o culto e, ao mesmo tempo, representava **“a casa de Deus”**. Assim, o povo podia sentir — em seu primitivismo materialista — que Deus estava sempre a seu lado. Aarão, constituído grão-sacerdote por Moisés, organizou um quadro de sacerdotes auxiliares e estabeleceu a roupagem ritual.

Moisés demorou-se ainda meses nas imediações do Monte Horeb, durante os quais deu ao povo uma série de leis civis, de acordo com o grau de cultura da época. Leis que regulavam o relacionamento entre as pessoas.

4. PEREGRINAÇÃO PELO DESERTO

Por ordem de Moisés foi feito o censo. Constatou-se a existência de 603.650 homens aptos para a guerra. Levantou-se o acampamento e os hebreus reiniciaram sua caminhada rumo a Canaã. O tabernáculo ia sendo conduzido no meio: três tribos de cada lado.

Pelos caminhos do deserto, novas murmurações surgiram contra Moisés. Achava o povo, instigado por alguns falsos líderes, que Moisés os libertara do Egito para os escravizar a Jeová. Vê-se aqui, claramente, a insinuação maledicente, pois não se pode admitir ninguém escravizar-se a Deus, sendo Ele o amor na sua expressão mais alta.

Finalmente, chegam à fronteira de Canaã. Moisés diz ao povo que ali estava a terra que Deus lhes reservava. Mandou 12 homens cruzar a fronteira para fazer o reconhecimento do terreno. Estes homens ficaram vários dias e retornaram maravilhados com Canaã: terras férteis e frutos suculentos. Dez destes homens, entretanto, entregaram-se ao

desalento: disseram que a terra era realmente boa, mas havia muitos obstáculos, rios para serem transportados, colinas e morros. Enfim, havia que se trabalhar. O desalento destes dez atingiu a todo o povo, apesar dos esforços dos outros dois dizendo que Canaã compensava todos os esforços.

O povo preferiu acompanhar os desanimados e não aqueles que os incitavam a conquistar, com esforço próprio, melhores condições de vida. Preferiu, mesmo, voltar à escravidão no Egito, onde, dizia, “tinha pão e carne”. Moisés e Aarão, muito calmos no meio do desespero, oravam a Deus. E o Plano Espiritual ordenou que voltassem para o deserto; **o povo não estava preparado para possuir Canaã.**

Moisés ordena a retirada para o deserto e explica: “Deus, como bom pai, quer ensinar a seus filhos que as coisas boas se conquistam, e a conquista exige esforço particular”. Logo, Deus não estava castigando o povo, mas o ensinando a valorizar a riqueza espiritual. O povo se arrepende e pede a Moisés que se dirija a Deus pedindo que o perdoe. Ao que Moisés retruca que o arrependimento não altera o programa de aprendizado estabelecido por Deus; apenas o torna menos árido. O arrependimento é o primeiro passo para um bom aproveitamento desse aprendizado. **E todos voltaram a peregrinar pelo deserto.**

Antes, porém, um grupo liderado por judeus que não concordavam com a orientação de Moisés, por pretenderem eles a direção do povo, achou que poderia entrar em Canaã à revelia de Moisés. “Deus não está mais com ele”, diziam os líderes. “A terra nos pertence e vamos conquistá-la agora mesmo”. Assim fizeram uma incursão a Canaã e foram fracorosamente derrotados pelos **cananitas**, senhores da terra. Foi realmente uma empreitada sem preparação prévia, além de um ato de indisciplina. A derrota é a própria derrota dos afoitos e indisciplinados.

5. REVOLTAS E MURMURAÇÕES

Assim, o povo judeu inicia sua longa peregrinação pelo deserto, onde demoraria 40 anos num verdadeiro processo de depuração. Um período suficientemente longo para que todos

os “homens velhos” desencarnassem ficando aos novos, ao homem renovado pelo longo trajeto purificador, a glória de conquistar Canaã.

Começa aí uma série de pequenas revoltas e murmurações contra Moisés e Aarão, seus líderes espirituais. Na primeira delas, Koré — um levita de muitas posses, que, no Egito, tinha privilégios especiais concedidos pelo faraó — pretende tirar de Aarão o cargo de grão-sacerdote. Acha que Moisés impusera Aarão ao povo por vontade própria, não por vontade de Deus. Forma-se um grupo revoltoso em torno de Koré, integrado por 250 pessoas. Moisés, ao tomar conhecimento dessa rebelião, manda chamar Koré e lhe propõe que, se ele pretende o cargo de grão-sacerdote, deveria deixar a decisão por conta do Plano Espiritual. Koré concorda, tendo Moisés marcado o dia seguinte para que os 250, mais Aarão, fossem colocados lado a lado para que Deus fizesse a escolha diante de todo o povo.

No dia seguinte, todos os revoltosos foram consumidos pelas chamas que emergiram dos turibulos que ostentavam para fazer a oferta de incenso a Deus. A Aarão nada aconteceu. A aparência, o exterior, não suporta o exame divino; diante de Deus só tem valor o íntimo das criaturas, não aquilo que elas pretendem ser. Koré e os seus queriam uma posição para a qual não tinham a mínima condição.

Entretanto, as murmurações prosseguem. Muitos do povo achavam que Moisés era um escravizador; os havia libertado do Egito para dar-lhes uma nova forma de escravidão. Aliás, Moisés representa o nosso próprio anjo de guarda, nosso guia espiritual; ele sempre luta para nos libertar das imperfeições, entretanto, na maioria das vezes, preferimos permanecer escravos dos vícios e defeitos achando muito rigorosas as instruções dos mentores. Continuava o povo judeu a achar que Moisés fora injusto permitindo que Deus fizesse desaparecer os 250 revoltosos, como se Moisés tivesse alguma participação no caso. Continuava achando que Aarão não tinha condições para exercer o sacerdócio.

Moisés, com muita paciência, novamente procura conciliar. Reúne os principais de cada uma das 12 tribos e lhes faz a seguinte proposta: cada

tribo colocaria no Tabernáculo uma vara de madeira, com o nome da tribo, inscrito; no dia seguinte, todos iriam verificar sobre que tribo havia caído a preferência de Deus. Todos concordaram e assim procederam. A tribo de Levi colocou a vara acrescentando-lhe mais uma inscrição: o nome de Aarão, que pertencia a essa tribo. No dia seguinte, todas as varas estavam secas. E a de Aarão havia florescido e até dado frutos. Dessa forma, temos a confirmação do valor íntimo do indivíduo. Enquanto Aarão dava frutos, os outros representavam apenas galhos secos.

Durante a peregrinação pelo deserto, Moisés foi dando novas leis civis ao povo a fim de melhorar o nível de relacionamento entre os hebreus e impedir que fossem influenciados pelos costumes idólatras e materialistas de muitos povos com que vinham tendo contato. Estabeleceu também os direitos do sacerdócio, assim que conquistassem Canaã. Como os sacerdotes eram todos da tribo de Levi — um costume que trouxeram desde o Egito, onde os levitas sempre tiveram privilégios quando todo o restante do povo era escravo — Moisés determinou que, em Canaã, a tribo de Levi teria 48 cidades mais o dízimo, isto é, 10 por cento dos rendimentos das outras tribos. Diz Sholem Asch que Moisés assim procedeu para não provocar uma cisão, e ter sempre a tribo de Levi ao lado das demais, pois achava o grande legislador que sem vislumbrar vantagens materiais, a tribo de Levi não forneceria nenhum soldado para lutar pela conquista de Canaã quando fosse chegado o momento.

6. INCIDENTES NO DESERTO

O rei da Iduméia recusa-se a dar passagem aos hebreus pelo seu território. Moisés não o combate; recua e faz novo trajeto. Ocorre a morte de Aarão, tendo Eleazar o substituído como grão-sacerdote. Morre também, no mesmo ano, Miriam, irmã de Moisés, que muito o ajudara em sua missão.

O rei dos amorreus também se recusa a dar passagem ao povo pelo seu território; Moisés força passagem e os amorreus são derrotados. Chegamos, assim, próximo do rio Jordão, pelos lados onde é a Jordânia hoje. Canaã, portanto, estava

novamente a vista; além-Jordão ficava **Jericó** — a cidade fortificada dos cananeus. Os reis de Moab e dos madianitas, prevendo o perigo que os hebreus representavam se conquistassem Canaã, tomaram medidas visando a derrota do povo conduzido por Moisés. Como os judeus eram em maior número que seus exércitos, recorrem a Balaão, o profeta, médium a serviço de Espíritos trevosos. Balaão, apesar de muito interessado na recompensa material que os reis lhe oferecem, diz que o povo hebreu deveria realmente tomar posse de Canaã e que o deus que aquele povo adorava era realmente o Deus único, portanto mais forte do que todos os ídolos e os deuses tribais.

Entretanto, Balaão propõe uma técnica para derrotar os hebreus. Já que com as armas convencionais era impossível, dizia ele, havia um meio quase infalível de enfraquecer aquele povo. Vejamos, aqui, como os obsessores podem penetrar em nossa vontade pela janela dos vícios que nós mesmos abrimos. Balaão sugeriu ao rei dos madianitas que fizesse as moças mais lindas de sua nação se insinuarem no acampamento dos judeus e se deixarem apaixonar pelos melhores moços hebreus; quando todos estivessem apaixonados, elas deveriam ameaçar deixá-los. Sem dúvida, todos os moços implorariam para que ficassem e elas imporiam uma condição: ficariam somente se eles abandonassem os princípios monoteístas e passassem a adorar seus ídolos. Isto é, passassem a deixar-se influenciar somente pelos interesses materiais, pela sensualidade.

Tudo o que Balaão propôs foi feito. E deu exatamente o resultado que Balaão previa. Os homens, apesar de terem ouvido diretamente do Plano Espiritual o mandamento de que não deveriam adorar ídolos, entregaram-se ao caminho fácil do extravasamento dos instintos sensuais. Foi uma calamidade; dentro em pouco, milhares de jovens estavam

derrotados pelos próprios vícios, sem ter empunhado nenhuma arma, sem ter enfrentado nenhum inimigo exterior. Apenas por ter deixado se exteriorizar um inimigo interior, a quem ainda não tinham se animado a dar combate eficiente. A dar o combate que nós, nesta **Escola de Aprendizes do Evangelho**, devemos dar.

Finalmente, o desastre moral teve fim com uma ação enérgica de Finéias, filho do grão-sacerdote. Este moço mata o líder dos rebeldes e afugenta as moças madianitas. É claro que essa depuração custou muita dor a todos, havendo derramamento de sangue.

7. FIM DA MISSÃO DE MOISÉS

O povo permanece ali acampado, enquanto Moisés estuda novas leis civis — leis estas que servirão para orientar os judeus assim que tomarem posse de Canaã. Sentindo que seu fim está próximo, Moisés escolhe a Josué seu sucessor no comando do povo incumbindo-o de levar os judeus a ocupar a Terra Prometida.

Moisés reúne todos os principais das tribos e lhes faz uma exortação e um discurso de despedida. Diz: **“aqueles que bem souberem obedecer saberão bem mandar quando forem levados a cargos e dignidades”**. E mais: **“se perderdes o respeito a Deus e abandonardes as virtudes, sereis levados escravos para todas as partes do mundo e não haverá lugar, na terra ou no mar, que não conhecerá os sinais de vossa escravidão”**. Mais uma vez concita-os a dar combate férreo aos inimigos, mas percebe-se que não se refere aos inimigos externos e sim aos inimigos interiores. Foram sempre estes inimigos os que mais haviam prejudicado o povo até ali: **a inveja, o sensualismo, a desobediência, a cupidez**.

E são ainda estes inimigos — interiores — que continuam sendo os maiores obstáculos para que venhamos a conquistar a Canaã

espiritual. A eles devemos dar combate sem tréguas, não a inimigos exteriores.

Finalmente, Moisés pede para que obedeçam a Josué, despede-se do povo e caminha em direção ao **Monte Nebo**. Diz o Espírito **Hilarion**, no livro *Moisés, o Vidente do Sinai*, que **Essen**, filho adotivo de Moisés, o acompanha ao cume do Monte Nebo provavelmente assistindo-o nos últimos instantes de vida física. Na realidade os judeus não mais o viram; deve ter descido a elevação e escolhido as campinas de Moab para desencarnar. A Essen, ele deve ter transmitido oralmente instruções claras com relação à vida espiritual, à comunicação entre encarnados e desencarnados. Essen converte-se, assim, num continuador real da missão espiritual de Moisés, enquanto Josué passa a representar o interesse dos homens, se bem que ainda bastante iluminado pelas instruções de Moisés. Essen dá origem à **Fraternidade dos Essênios**, que teve função muito importante na encarnação de Jesus.

Sholem Asch diz que, quando subiu ao Monte Nebo, descortinou-se aos olhos espirituais de Moisés a visão da Canaã espiritual: um único templo, um único Deus, um único altar. Ouvia “o cântico da tranqüilidade e da graça”. Uma visão da Terra regenerada do 3º Milênio. Diz mais que o Messias veio ao seu encontro e, entre outras revelações lhe diz:

“O templo sagrado que será construído nesta terra será coisa efêmera. Somente durará eternamente o templo sagrado que Deus construiu no céu com suas mãos. O templo sagrado e a Jerusalém do mundo superior viverão sempre.”

E assim estamos nós nesta **Escola de Aprendizes do Evangelho** — uma espécie de Sinai em prazo reduzido, já que não temos muito mais tempo — lutando contra nossos vícios e defeitos para que, livres destes inimigos, possamos entrar nesta **Jerusalém superior**.